ÁREA TEMÁTICA: CULTURA

DELIMITANDO E/OU AMPLIANDO TERRITÓRIOS: EXPERIÊNCIAS EXTENSIONISTAS EM UM QUILOMBO DO VALE DO RIBEIRA

Cicilian Luiza Löwen Sahr[1]
Ana Paula Aparecida Ferreira Alves[2]
Francine Iegelski[3]
Patrícia Ferreira[4]

RESUMO – A histórica ocupação negra do Vale do Ribeira, sul de São Paulo e norte do Paraná, vem ganhando visibilidade, na atualidade, através de políticas de regularização fundiária voltadas a comunidades constituídas por seus descendentes. Estas passam a ser denominadas "comunidades remanescentes de quilombos". Tal denominação apresenta hoje uma resignificação, com estruturas sociais não derivando do passado colonial brasileiro e/ou africano. Trata-se da produção de novos sujeitos políticos, que outrora simplesmente ocupavam seus "territórios" para sobreviver e agora, diante da realidade atual, necessitam ser titulados. É neste contexto que nasce a oportunidade de uma ação, que vincula pesquisa e extensão, com grandes chances de alcançar resultados concretos: a (re)conquista de territórios historicamente ocupados por estas comunidades. A análise se desenvolve a partir da dinâmica da organização sócio-espacial de uma comunidade quilombola do Vale do Ribeira. A metodologia utilizada baseia-se na análise de relatos etnográficos. Conclui-se que as políticas de integração de grupos culturalmente diversos no processo de redemocratização da sociedade brasileira, é fruto de uma nova espacialização resultante de um posicionamento epistemológico voltado a abordagens culturais, onde se observa uma crescente aproximação entre o conceito do território, em sua tradição estatal, e as reflexões de caráter mais profundo sobre as formas do espaço vivido.

PALAVRAS-CHAVE: Comunidade Quilombola, Vale do Ribeira, Regularização Fundiária.

Introdução

A noção de quilombo tal como foi conceituada por muito tempo pela historiografia brasileira como o período marcado como uma das formas explícitas de luta dos escravos contra a dominação feudal analisava esta forma de luta uniforme e repetitiva, com não tendo sentido político próprio. A partir dos anos 1960 e 1970 as interpretações que permeiam esta análise são contestadas e revistas apontando uma nova abordagem onde as organizações e processos sociais por eles vivenciados são destacados. As análises culturalistas são as que mais avançam na conceituação destes grupos que eram, até então, totalmente "coisificadas" pela exploração e/ou luta, passando a serem reconhecidos enquanto sujeitos das transformações históricas a partir de sua resistência cultural. A partir desta revisão/ampliação, uma nova compreensão do conceito de quilombo fundamenta, no debate atual, as questões referentes aos grupos denominados quilombolas.

Neste contexto, o conceito de quilombo passou a ser definido como comunidade com ancestralidade negra que compartilha um mesmo território e uma mesma cultura. O critério para caracterização de uma comunidade quilombola passou a ser a autodefinição de seus membros.

[1] Pós-Doutorado em Planejamento Urbano e Regional pela Universität Heidelberg - Alemanha, Professora Associada na UEPG, atuação em Geografia Cultural; coordenadora de um Relatório Antropológico de Delimitação de Terras Quilombolas em uma comunidade do Vale do Ribeira, cicilian@uol.com.br
[2] Mestranda em Gestão do Território pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia pela UEPG – Assistente de Pesquisa em um Relatório Antropológico de Delimitação de Terras Quilombolas em uma comunidade no Vale do Ribeira, anaprenda@hotmail.com
[3] Doutoranda no curso de Pós-Graduação em História Social pela USP – Assistente de Pesquisa em um Relatório Antropológico de Delimitação de Terras Quilombolas em uma comunidade no Vale do Ribeira, fransauro@usp.br
[4] Mestre em Ciências Sociais Aplicadas pela UEPG, Auxiliar de Pesquisa em um Relatório Antropológico de Delimitação de Terras Quilombolas em uma comunidade do Vale do Ribeira, patiuepg@ig.com.br

Assim, a comunidade quilombola não é necessariamente compreendida como um agrupamento símbolo de resistência política e de rebeldia, mas, sobretudo, como uma comunidade que resiste no tempo, em seu espaço, e que mantém laços de pertença e de identidade culturais que passam por complexas redes de relações sociais, afetivas, econômicas e de parentesco (ARRUTI, 1997).

Essa nova significação da noção do quilombo, pensada por intelectuais dentro das discussões acadêmicas atuais no Brasil, tem um forte eco nas políticas públicas de regularização fundiária, promovidas pelo governo federal. A Fundação Palmares é quem emite a certificação oficial para as comunidades identificadas como remanescentes de quilombo, como é o caso da comunidade em estudo. A partir desta certificação, torna-se necessário - com a identificação e definição da cultura, da história e da descendência étnica das comunidades negras - que o território quilombola seja reconstituído, com vistas à regularização fundiária. Essa reconstituição faz parte do Relatório Antropológico da comunidade, cuja responsabilidade é do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA). Esta é a fase em que se encontra a comunidade[5] que serviu como palco das reflexões nesta pesquisa.

A autodefinição dos membros desta comunidade como quilombola é recente, entretanto, já faz parte do processo de constituição da própria história da comunidade aqui apresentada, na medida em que seus membros mobilizam, com a apropriação dessa categoria, uma série de elementos de identidade comum que se referem a um mesmo passado de escravidão e de laços de parentesco.

Objetivos

Diante desta produção de novos sujeitos políticos, que outrora simplesmente ocupavam seus "territórios" para sobreviver e agora, perante a realidade atual necessitam da titulação de suas terras para garantia de permanência, importante papel é atribuído ao Estado através de suas políticas públicas voltadas para estas comunidades. Há, entretanto, grande distanciamento entre estes diferentes atores. É neste contexto que nasce a oportunidade de uma ação, que vincula pesquisa e extensão, com grandes chances de alcançar resultados concretos: a (re)conquista de territórios historicamente ocupados por estes grupos específicos. Assim, a universidade – com seu saber científico e técnico – coloca-se a serviço destas comunidades – com seu saber vivencial - para que, numa soma de esforços, os requisitos de comprovação de sua condição "quilombola" e da necessidade de delimitação de seu território possam ser efetivados. Neste sentido, delineia-se a missão da equipe pesquisadora-extensionista de buscar subsídios que permitam transformar a "geograficidade" histórica/existencial das comunidades em uma territorialidade política/fundiária.

Metodologia

Num processo dialógico e hermenêutico entre a comunidade e a equipe, diferentes metodologias auxiliam nesta missão. Destaque pode ser auferido à tradição dos "community studies", com aperfeiçoamento em termos de contextualização da comunidade através da inclusão de métodos compreensivos, comuns na antropologia e em seu campo da etnociência, sociologia rural, geografia fenomenológica, história oral, "rapid rural appraisal" etc. Desta forma, após uma fase inicial de aproximação e de observação participativa, são inseridas entrevistas informais e informativas com vários membros da comunidade, tanto líderes como pessoas comuns, além de entrevistas dirigidas buscando o histórico, a memória e a sociabilidade da comunidade. As suas concepções cosmológicas, culturais e espaciais são apreendidas tanto de forma individual como em "focus interviews".

Resultados

Através da metodologia aplicada foram obtidos dados relativos à produção agrícola, às atividades formalizadas (escola, serviços estatais etc.), às festividades, ao parentesco das famílias e às questões da terra. As atividades cartográficas, inclusive elaboração de croquis e perfis ecológicos,

[5] Esta comunidade, em virtude de estar em processo de regularização fundiária, não será aqui identificada, visando resguardá-la.

foram feitas em conjunto com membros da comunidade, destacando não apenas os limites da área, mas também mostrando os diferentes ambientes ecológicos, funcionais e/ou produtivos.

Conclusões

Observa-se, já nas primeiras fases da missão, que quando uma comunidade negra integra a categoria quilombo como referência organizadora para caracterizar e compreender os elementos de sua identidade - sejam estes culturais, sociais, étnicos, espaciais e/ou históricos - seus membros passam a assumir uma posição de sujeitos políticos. A terra - base da história deste grupo e de sua existência material e espiritual - passa a ser vista como direito. Este processo traz consigo um movimento, que extrapola a comunidade em si, que cria uma rede de contatos – um território-rede - entre diferentes comunidades, agora com a mesma identidade quilombola, fortalecendo a luta.

Referências

ALVES, A. P. A. F. **Diário de Campo**. Realizado durante imersão em comunidade quilombola no Vale do Ribeira, em equipe sob coordenação da Profª. Drª. Cicilian Luiza LÖWEN SAHR, para Elaboração de Relatório Antropológico (Convênio INCRA-UNICENTRO). Ano: 2009.

ARRUTI, J. M. A. **A emergência dos "remanescentes"**: notas para o diálogo entre indígenas e quilombolas. In: *Mana*, v. 3, n. 2. Rio de Janeiro: Museu Nacional PPGAS/UFRJ, 1997.

FERREIRA, P. **Diário de Campo**. Realizado durante imersão em comunidade quilombola no Vale do Ribeira, em equipe sob coordenação da Profª. Drª. Cicilian Luiza LÖWEN SAHR, para Elaboração de Relatório Antropológico (Convênio INCRA-UNICENTRO). Ano: 2009.

GOMES, F. **Histórias de Quilombolas** – Mocambos e Comunidades de Senzala no Rio de Janeiro – século XIX. São Paulo: Editora Companhia de Letras – SP, 2006.

IEGELSKI, F. **Diário de Campo**. Realizado durante imersão em comunidade quilombola no Vale do Ribeira, em equipe sob coordenação da Profª. Drª. Cicilian Luiza LÖWEN SAHR, para Elaboração de Relatório Antropológico (Convênio INCRA-UNICENTRO). Ano: 2009.

NETO, C. S. Comunidades Tradicionais Negras e Quilombolas do Paraná. **Condições de Vida de Produção e Cultura nas Comunidades Tradicionais Negras e Quilombolas do Estado do Paraná.** Spaceblog, 2009 (citado em 25 de abril de 2009). Disponível em URL: http://quilombosnoparana.spaceblog.com.br/

TOMASI, T. **Diário de Campo**. Realizado durante imersão em comunidade quilombola no Vale do Ribeira, em equipe sob coordenação da Profª. Drª. Cicilian Luiza LÖWEN SAHR, para Elaboração de Relatório Antropológico (Convênio INCRA-UNICENTRO). Ano: 2009.

TUZINO, Y. M. M. **Diário de Campo**. Realizado durante imersão em comunidade quilombola no Vale do Ribeira, em equipe sob coordenação da Profª. Drª. Cicilian Luiza LÖWEN SAHR, para Elaboração de Relatório Antropológico (Convênio INCRA-UNICENTRO). Ano: 2009.